
CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA: UM ESTUDO DO IMPACTO PROVOCADO EM SEUS ESTUDANTES

*Sandra R. Uliano Smaniotto**

*Elizabeth Mercuri***

Resumo

A expansão do ensino superior tem sido acompanhada pela diversificação de cursos e de características de seus estudantes. Este estudo teve por objetivo analisar as mudanças pelas quais passam estudantes adultos e trabalhadores de cursos superiores de tecnologia. Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com 11 estudantes concluintes, com idade superior a 30 anos, de uma instituição particular de São Paulo. A análise do conteúdo das respostas apontou ampla extensão na natureza das mudanças, sugerindo que a educação profissional, hoje, tem contribuído para uma formação que ultrapassa os aspectos exclusivos da preparação profissional, estendendo-se para os domínios acadêmico, pessoal e social.

Palavras-chave: Educação Superior; Educação Profissional; Curso Profissionalizante; Aluno Adulto.

O surgimento dos cursos superiores de tecnologia teve origem na reforma universitária promovida pela Lei 5.540/68¹, como um modelo de ensino superior alternativo ao modelo universitário, oferecendo cursos com flexibilidade curricular, mais práticos e rápidos, que atendessem às demandas empresariais e de desenvolvimento.²

Na década de 1970, houve um grande incentivo para os cursos superiores de tecnologia: as primeiras experiências de implantação ocorreram em instituições privadas e, a partir de 1974, iniciou-se o curso de Engenharia de Operação nas áreas de Construção Civil, Elétrica e Eletrônica no Cefet-PR.

Ao final da década de 1970, com a pressão do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) – através do não-reconhecimento e da limitação de atuação do tecnólogo –, aliada à redução de vagas e à dificuldade de colocação no mercado de trabalho, a procura por estes cursos diminuiu. Em razão disso, tanto os cursos de Engenharia de Operação como outros de curta duração foram abandonados pelo MEC.

Uma segunda tentativa para alavancar os cursos superiores de tecnologia aconteceu em 1984 no Cefet-PR, ao oferecer o curso de Tecnologia em Construção Civil, mas a experiência foi abandonada em 1995³. Também o Decreto Federal n.º 97.333/88, de 22/12/88⁴, autorizou a criação do primeiro curso superior de Tecnologia em Hotelaria, ofertado pelo Senac São Paulo na capital paulista e no Hotel-Escola Senac de Águas de São Pedro.

A partir da LDB 9.394/96⁵ e do Decreto 2.208/97⁶, os cursos superiores de tecnologia ganharam nova dimensão e novo interesse por parte das instituições particulares. A Portaria 1.647/99⁷ regulamentou a criação dos Centros de Educação Tecnológica na esfera privada e, em 2001, as primeiras entidades educacionais particulares receberam autorização para funcionar, o que fez com que crescesse o número de cursos oferecidos a partir de 2002.

Em 2005, os Centros de Educação Tecnológica (CET) e as Faculdades de Tecnologia (FAT), embora representando apenas 8,5% do total de instituições do sistema de ensino superior, tiveram um expressivo crescimento, se comparados com os outros modelos de organização acadêmica. Enquanto em 2000 existiam apenas 19 CET/FAT, todos públicos, em 2005 eram 184 instituições, o que significa um aumento de 968%; as instituições públicas eram 53 e ofereciam 322 cursos, com um total de matriculados de 44.180 alunos, e as 131 instituições privadas ofereciam 559 cursos, com 39.039 matriculados⁸. E esses números continuam crescendo.

* *Mestre em Educação pela Unicamp. Professora e coordenadora do curso tecnológico Gestão de Recursos Humanos da Faculdade de Tecnologia Prof. Luiz Rosa. E-mail: sandrasmaniotto@uol.com.br.*

** *Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: emercuri@unicamp.br*

Recebido para publicação em: 21/05/07.

Percebe-se que a história dos cursos superiores de tecnologia tem sido marcada por avanços e retrocessos. Hoje, presenciemos o incentivo dessa modalidade de ensino como forma de suprir a demanda por ensino superior e por cursos flexíveis para atender ao mercado e, como na década de 1970, a rede privada é a que se expande com maior velocidade.

Essa modalidade de curso superior possui particularidades que a diferenciam dos demais cursos de graduação. As características especiais desses cursos que mais os distinguem dos cursos de graduação tradicionais são a sua “especialização”, que deve atender às reais necessidades de desenvolvimento tecnológico local ou regional, em um setor especializado, e, decorrente da anterior, a duração do curso. A especialização permite que a duração de cada curso – cujo mínimo é de 1.600 horas – dependa da estrutura curricular prevista para a formação do perfil profissional desejado.

A sua organização poderá ser por etapas ou módulos, os quais darão direito a uma certificação de qualificação profissional ao final de cada um. Essa estruturação gera maior flexibilidade na elaboração dos currículos, assim como agiliza e amplia o atendimento das necessidades dos alunos, visto que estes podem cursar os módulos de acordo com suas possibilidades e, ao final de todos eles, receber o diploma de tecnólogo.

Outra característica é a proporção entre teoria e prática e entre ciência e tecnologia, tanto na formação do aluno quanto no desempenho de suas atividades profissionais, o que o torna um profissional não só mais ligado à prática do que à teoria como também mais próximo da tecnologia do que da ciência.

No entanto, existem semelhanças entre os cursos superiores de tecnologia e os demais cursos de graduação: o ingresso, a formação acadêmica exigida para docência, as avaliações institucionais e dos cursos seguem a mesma legislação do ensino superior, salvo por uma diferença: estão subordinados a secretarias diferentes – os cursos superiores de tecnologia respondem à Setec (Secretaria de Educação Tecnológica) e os demais cursos, à Sesu (Secretaria de Educação Superior).

Apesar de suas especificidades, os cursos superiores de tecnologia são cursos de graduação e, como tal, devem ser inseridos no âmbito da educação superior quando se trata de discutir seus objetivos e as mudanças esperadas nos seus estudantes a partir dessa experiência de formação.

A FORMAÇÃO SUPERIOR E AS MUDANÇAS NO ESTUDANTE

As discussões em torno dos objetivos da educação superior já há muito vêm apontando para expectativas de mudanças de ampla extensão no estudante, incluindo aspectos dos campos cognitivo e afetivo, além da competência prática⁹. A formação superior deveria estar, assim, voltada não só para a expansão do conhecimento e do desenvolvimento das capacidades intelectuais, como também para a aquisição e as mudanças em atitudes e valores, e para a melhoria no desempenho dos vários papéis que o indivíduo deve assumir na sociedade, no trabalho, na vida familiar, além de outros aspectos de ordem prática.

• • •

Apesar de suas especificidades, os cursos superiores de tecnologia são cursos de graduação e, como tal, devem ser inseridos no âmbito da educação superior quando se trata de discutir seus objetivos e as mudanças esperadas nos seus estudantes a partir dessa experiência de formação.

A literatura internacional acerca do estudante do ensino superior tem mostrado que a natureza das mudanças que ocorrem com os alunos durante o período em que permanecem na universidade é ampla e envolve diferentes aspectos. A extensão dessas mudanças é um dos pontos mais fortemente destacados por Pascarella e Terenzini (2005)¹⁰ em suas revisões acerca da produção científica sobre o tema. Segundo esses autores, as mudanças pelas quais os estudantes passam podem ser entendidas como alterações nas características cognitivas e afetivas, que ocorrem ao longo do tempo, podem ser de natureza quantitativa ou qualitativa e “*não implica(m) em direção, mas abrange(m) tanto a regressão quanto a progressão*”.

Tais estudos nos apontam a abrangência das mudanças vivenciadas pelos alunos, mudanças essas que podem ser tanto positivas quanto negativas, como observado por Pachane¹¹, com relação à diminuição da atenção do aluno consigo mesmo devido à falta de tempo e ao excesso de atividades; e por Fior¹², que também destaca o empobrecimento de hábitos pessoais entre eles, por exemplo, os alimentares.

De acordo com Pascarella e Terenzini¹³, é a abrangência das mudanças e do desenvolvimento a mais notável característica da evidência do efeito desse período de formação. Apontam que os alunos apresentam ganhos não apenas em conhecimento factual e em habilidades cognitivas gerais e intelectuais: mudam também em um amplo quadro que envolve valores, atitudes, aspectos psicossociais e morais; portanto, as mudanças estendem-se para além do crescimento cognitivo. Além da extensão, os autores destacam que as alterações ocorrem de uma forma integrada, em que mudanças em um aspecto ou área parecem ser acompanhadas de uma rede de mudanças em outras áreas.

Diferentes estudos buscam explicar como e por que ocorrem essas alterações nas características cognitivas e afetivas dos estudantes. Dois grandes grupos teóricos se destacam: as teorias desenvolvimentistas, que se voltam ao estudo da natureza, da estrutura, das dimensões e do processo do desenvolvimento intra-individual do estudante, e as teorias de impacto, que direcionam sua análise para o papel e a importância do contexto no qual o estudante está inserido, ou seja, destacam a origem ambiental ou sociológica das mudanças ocorridas com o estudante, ao longo de sua experiência de formação. Como exemplos de elementos do contexto educacional, poderíamos citar as políticas educacionais, as estruturas institucionais, os programas de atendimento ao aluno, os agentes desse contexto (professores, coordenadores, colegas).

Os anos passados na universidade ou na faculdade, para a maioria dos estudantes, são o período no qual estão saindo da adolescência e ingressando na vida adulta, uma *“época para se examinar e testar novos papéis, atitudes, convicções e comportamentos...”*¹⁴. Também pode ocorrer um choque cultural, devido ao encontro com novas idéias, novos professores, amigos, com valores e convicções diversificados, com novas exigências, oportunidades e desafios, tanto acadêmicos como pessoais e sociais.

Nesse sentido, Azevedo e Faria¹⁵ confirmam que os alunos têm de lidar com novos horários, novos professores, novos conteúdos programáticos, outros métodos de ensino e ritmos de estudo, integração com novos grupos e, às vezes, com o afastamento da família. Esse novo contexto é acompanhado por um conjunto de mudanças que caracterizam uma fase do seu ciclo de vida: *“jovem adulto encontra-se a desenvolver a sua autonomia, a construir e a consolidar a sua identidade, a experimentar novos papéis e a procurar um sentido de vida”*¹⁶.

Esse momento de transição leva alguns autores a considerar o ingresso no ensino superior como um período crítico, de difícil adaptação e integração, potencializador de crises, podendo até provocar aumento nos níveis de psicopatologia na população de universitários, mas também como um período determinante de mudanças nos estudantes, ao longo da sua permanência na universidade¹⁷.

A extensão das mudanças pelas quais passam os alunos fica também evidenciada na classificação proposta por Almeida e Soares em seus estudos acerca de integração do aluno ingressante. Segundo os autores:

As múltiplas e complexas tarefas a enfrentar reportam-se a quatro domínios principais: (i) Acadêmico (a transição ente o ensino secundário e o universitário é particularmente exigente, requerendo adaptações constantes aos novos ritmos e estratégias de aprendizagem, ao novo estatuto de aluno e aos sistemas de ensino e de avaliação); (ii) Social (a experiência universitária requer o desenvolvimento de padrões de relacionamento interpessoal mais maduros na relação com a família, com os professores e os colegas, com o sexo oposto e com as figuras de autoridade); (iii) Pessoal (os anos universitários devem concorrer para o estabelecimento de um forte sentido de identidade, para o desenvolvimento da autoestima, de um maior conhecimento de si próprio/a e para o desenvolvimento de uma visão pessoal do mundo); e (iv) Vocacional/Institucional (a universidade constitui uma etapa fundamental para o desenvolvimento de uma identidade vocacional, onde a especificação, a implementação e o comprometimento com determinados objectivos vocacionais e/ou institucionais parece assumir particular importância).¹⁸

Os estudos nos apontam que a vivência do ensino superior é potencializadora de mudanças; no entanto, a maior parte dos trabalhos encontrados tem como referência estudos realizados com estudantes universitários com características tradicionais, ou seja, com idade entre 18 e 24 anos, que ingressaram no ensino superior logo após o término do ensino médio, não trabalham, estudam durante o dia; alguns deles residem fora da cidade de origem, longe dos pais. As instituições pesquisadas – tanto na literatura nacional como na internacional – também são na maioria universidades.

No entanto, essa não é a realidade de boa parte de nossos estudantes, em especial os dos cursos superiores de tecnologia, que possuem parcela significativa de alunos com características não tradicionais. Face a esse quadro das características dos estudantes, tanto em relação à idade quanto em relação à condição de trabalhadores de tempo integral, surgem alguns questionamentos, como: os alunos de cursos superiores de tecnologia, de faculdades passam pelas mesmas mudanças que os alunos das universidades? A abrangência das mudanças é a mesma para os dois grupos? Diante dessa situação, o presente estudo assumiu como objetivo analisar, a partir da percepção dos estudantes adultos, trabalhadores, de cursos superiores de tecnologia, as mudanças por eles próprios vividas nos domínios social, profissional, pessoal e acadêmico.



DELINEAMENTO DO TRABALHO

Este estudo foi realizado com estudantes de cursos superiores de tecnologia de uma Faculdade de Tecnologia privada, localizada no interior do Estado de São Paulo. Essa faculdade iniciou suas atividades no ano de 2002, porém faz parte de uma mantenedora que tem tradição na educação profissional de nível técnico, com 90 anos de existência. Atualmente, a instituição possui os seguintes cursos: Gestão Financeira, Gestão de Recursos Humanos, Gestão da Produção, Logística, Marketing de Varejo e Gestão Ambiental.

Com aproximadamente 600 alunos, as salas de aula não ultrapassam 60. Os cursos são predominantemente noturnos e possuem, em sua maioria, estudantes-trabalhadores, visto que 89% afirmam que estavam empregados antes de iniciar o curso e 42% afirmam serem os responsáveis pelo sustento da família. Com relação à idade, 24% têm até 22 anos, 37% estão entre 23 e 30 anos e 39% têm acima de 30 anos; 41% são do sexo feminino e 59%, do sexo masculino, conforme pesquisa interna realizada com os alunos em 2006.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas, com 11 alunos de ambos os sexos, com idade superior a 30 anos no início do curso, concluintes dos cursos Gestão de Recursos Humanos, Gestão Financeira, Gestão Ambiental, Gestão da Produção, Gestão de Marketing e Logística, que trabalhavam em período integral durante o curso.

Após dados pessoais (que incluíam curso, idade, tempo de trabalho), a entrevista iniciava-se com uma primeira questão geral, que solicitava ao estudante o relato das mudanças ou alterações percebidas em si mesmo e que acreditava estivessem associadas à sua formação no curso superior de tecnologia. As questões seguintes foram elaboradas para obtenção de informações acerca de mudanças nos domínios social, profissional/vocacional, pessoal e acadêmico, o que direcionava o aluno a uma reflexão sobre cada uma dessas áreas.

A partir das transcrições das entrevistas, foi realizada a análise de conteúdo das respostas, de acordo com proposta de Bardin.¹⁹ Os dados sobre as mudanças foram organizados a partir das categorias previamente estabelecidas, que tiveram como referência os domínios apresentados nos trabalhos de Almeida e Soares (Quadro 1)²⁰.

QUADRO 1
CATEGORIAS DAS MUDANÇAS PERCEBIDAS PELO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

DOMÍNIO	DESCRIÇÃO DO DOMÍNIO
Social	Envolve o sistema de relacionamento interpessoal com a família, com professores e colegas, com o sexo oposto e com figuras de autoridade.
Pessoal	Abrange aspectos que dizem respeito à natureza psicológica e física, à visão pessoal do mundo, ao conhecimento de si próprio, ao sentido de identidade e à auto-estima.
Acadêmico	Engloba aspectos relacionados às exigências acadêmicas, às estratégias de aprendizagem, ao sistema de ensino e de avaliação.
Profissional	Refere-se ao desenvolvimento de carreira, à atuação e à formação profissional, às perspectivas e à decisão vocacional e à identidade profissional.



Face ao amplo conjunto de dados identificados, as quatro categorias prévias foram aprofundadas e detalhadas com a criação de subcategorias. Na descrição de cada uma delas, serão apresentadas algumas falas dos participantes, com o propósito de exemplificar e dinamizar a apresentação dos resultados. O código após as falas corresponde à identificação dos participantes.

AS MUDANÇAS NO DOMÍNIO PESSOAL

Nesse domínio, foram observadas respostas que denotavam percepção de mudanças na relação consigo mesmo, aspectos de natureza psicológica e física, visão pessoal e de mundo, conhecimentos de si próprio, sentido de identidade, de auto-estima – vistos pelos estudantes como decorrentes das vivências associadas aos cursos superiores de tecnologia que freqüentaram. Esses aspectos são descritos a seguir, nas subcategorias: autoconfiança e autovalorização; autocontrole; amadurecimento pessoal; realização pessoal; humor pessoal; e posicionamento no mundo.

Em relação à autoconfiança, foram observados relatos de mudanças no senso do próprio valor e da própria capacidade. Essa mudança foi a mais presente nas falas dos entrevistados, que se percebem mais seguros nas atividades que desempenham, “*mais segura nas coisas que eu pergunto nas coisas que eu faço, nas explicações que eu dou, então segurança é assim ponto principal*” (E9), o que leva, segundo eles, a uma maior auto-estima, maior autoconfiança e melhora do autoconceito.

O autocontrole, nesse domínio, foi entendido como a capacidade de gerenciar seus sentimentos, seus impulsos e emoções, como ocorreu com um dos entrevistados, que relatou que passou a “[...] a ter muita paciência com as coisas, a enxergar as coisas de uma forma diferente [...]” (E2). Outro aponta que “[...] hoje eu analiso melhor, hoje eu pondero melhor, até trabalho um pouco antes de dar minha opinião” (E1), diminuindo sua impulsividade e tornando-se uma pessoa mais ponderada e analítica e com “*mais senso crítico na hora de comprar [...]*” (E11).

O amadurecimento pessoal também foi percebido pelos alunos: “[...] eu comecei a amadurecer também [...]” (E3), bem como o sentimento de realização: “[...] depois de um tempo parado, você cursar uma faculdade tecnológica foi uma realização pessoal [...]” (E1) por ter concluído um curso superior.

Mudanças em que o aluno se vê como “*mais feliz hoje... eu era meio quieto, então eu sou mais feliz, eu tenho outra cabeça [...]*” (E7), que indicam alterações no humor dos estudantes, assim como de posicionamento no mundo, da maneira como se relacionam com o mundo externo, pois “*melhorou a minha forma de ver o mundo*” (E2) são outras alterações pessoais relatadas pelos estudantes.

AS MUDANÇAS NO DOMÍNIO SOCIAL

As mudanças aqui observadas estão relacionadas tanto ao aumento e/ou à alteração do círculo de amizades como também à forma de relacionar-se com outros, que pode ser mais

segura, mais íntima, mais espontânea e mais paciente. Outra mudança localizada nesse domínio vincula-se à preocupação com o bem-estar alheio. As mudanças relatadas foram agrupadas nas subcategorias: relacionamento interpessoal; autoconfiança, valorização, autocontrole nas relações interpessoais; altruísmo; e oratória, conforme exemplificadas abaixo.

Quanto aos relacionamentos interpessoais, destacam-se a ampliação do “*círculo de amizades*” (E8), em que ocorre uma convivência com pessoas de “*nível diferente [...] mais maduras, mais intelectuais*” (E3); aumento da espontaneidade ao conversar, melhora nos relacionamentos de uma forma geral, seja na família, no trabalho, na escola, além de “*ficar mais receptivo*” (E2) às opiniões dos outros.

A autoconfiança, neste domínio, é entendida como a capacidade de perceber-se mais seguro ao expressar opiniões e ao se expor em todos os tipos de relacionamentos, em qualquer tipo de ambiente, seja profissional, acadêmico ou familiar. Os entrevistados apontam que passaram a não ter medo por saber “[...] o que você está falando, você tem mais segurança [...]” (E3), nas relações profissionais, principalmente com autoridades, assim como nos relacionamentos com professores e com pessoas de diferentes níveis de escolaridade.

O autocontrole, nesse domínio, é entendido como a capacidade de controlar os impulsos e de tornar-se mais tolerante, mesmo em momentos difíceis durante os seus relacionamentos com outras pessoas. Um dos estudantes relatou que aprendeu a controlar-se e ser mais tolerante com seus familiares e amigos: “*mudou muito, porque em casa eu consigo ser mais tolerante [...]*” (E3).



Os entrevistados apontam que passaram a não ter medo por saber “[...] o que você está falando, você tem mais segurança [...]” (E3), nas relações profissionais, principalmente com autoridades, assim como nos relacionamentos com professores e com pessoas de diferentes níveis de escolaridade.

Percebemos a presença de um maior interesse pelo bem-estar alheio, um desejo de compartilhar com outras pessoas – família, amigos e colegas de trabalhos – os conhecimentos adquiridos e de “[...] transformar para a linguagem popular e até explicar para eles [amigos e parentes] que não têm esta capacitação” (E1), o que se reflete numa postura mais altruísta e de incentivo ao outro na busca de melhores condições de vida para “estudar mais, ler mais, tentar agregar mais valor nas nossas vidas e mais conhecimentos” (E3), visão essa conquistada no período em que o aluno cursou o ensino superior.

Uma última subcategoria de mudança, relacionada ao domínio social, diz respeito à oratória e envolve o “deixar de ser tímido, de ser fechado” (E6) e não ter “mais esse medo de falar em público [...] e insegurança no falar para outras pessoas [...]” (E3).

AS MUDANÇAS NO DOMÍNIO PROFISSIONAL

Na esfera das mudanças relacionadas aos campos vocacional e profissional, foram observadas respostas que envolviam aspectos ligados ao conhecimento e à atuação na área profissional, à autoconfiança, às perspectivas profissionais e à identidade vocacional.

A ampliação do conhecimento e as mudanças de atuação na área profissional foram os aspectos que surgiram com maior frequência nas respostas, o que está bastante relacionado com o fato de todos os entrevistados serem trabalhadores. A ampliação dos conhecimentos sobre a área de atuação envolveu em parte a compreensão e a fundamentação teórica sobre a atividade que o aluno já vinha realizando: “[...] eu não sabia a explicação, mas hoje não, eu coloco e explico porque eu tenho fundamento do que eu aprendi na faculdade [...]” (E9), possibilitando a relação imediata do que estava sendo aprendido com sua atuação

profissional e dando “condição para que pudesse aplicar no dia-a-dia aquilo que aprendi aqui dentro” (E2).

A autoconfiança neste domínio manifestou-se através do relato da “segurança de saber” (E9); de realizar e de expor-se em questões profissionais; da segurança “para continuar procurando outro emprego” (E3); e de novas oportunidades.

A ampliação das perspectivas profissionais e o aumento das oportunidades de emprego também são relatados pelos entrevistados: a possibilidade de sair “daquele mundo onde eu achava que teria que ficar trabalhando, sempre naquela mesma empresa” (E1) foi substituída por uma “possibilidade de estar escolhendo realmente um lugar que eu vá trabalhar” (E8).

O fortalecimento da identidade vocacional e da verificação de que “[...]era realmente o que eu gostava em relação ao que eu trabalho” (E7) mostra-se facilitado pela frequência a um curso e pela oportunidade de analisar se a escolha é adequada à sua realização profissional.

AS MUDANÇAS NO DOMÍNIO ACADÊMICO

No domínio dos aspectos acadêmicos, foram observadas mudanças que puderam ser alocadas em dois itens: a aquisição de novos hábitos e de estratégias para aquisição de conhecimentos e a motivação para o estudo e a aprendizagem.

A aquisição de novos hábitos refere-se tanto a aspectos ligados ao próprio curso ou à profissão, por exemplo, leitura ligada à área profissional, e o hábito de “ir à biblioteca e pegar livros” (E8), como àqueles relacionados à motivação para a leitura em geral, tendo como consequência o hábito de “[...] ler mais, porque eu não gostava muito de ler [...]” (E7). Ocorre também a ampliação do interesse pela cultura, pela área econômica, política e social do país, passando o estudante a preocupar-se “com a parte da economia do Brasil [...] política” e a assistir ao “jornal com mais paciência” (E3). Um dos entrevistados relatou que procura estudar até conteúdos de que não gosta, por considerar que “é uma coisa que vai poder me ajudar mais para frente” (E8).

Novas estratégias para aquisição de conhecimentos, tais como pesquisar pela internet, ler jornais e assistir a telejornais aparecem como motivadas pelas exigências da vida acadêmica: “[...] quando a gente chega na sala de aula, todo mundo fala de algum assunto, então a gente sempre pesquisa; você vai na internet, você pesquisa [...]” (E3).

Alterações na motivação para o estudo e na percepção de seu valor, de seu significado e seu papel, e o despertar do desejo “de estudar mais” (E2) e de pensar o que “fazer no ano que vem para continuar estudando” (E3), acompanhados de um desejo e “pretensões de fazer uma pós-graduação” (E10), além da “vontade de não parar” (E9) são descritas pelos alunos como mudanças relacionadas à sua posição em relação ao processo de formação.

Uma análise global das mudanças relatadas aponta que foram percebidas alterações em todos os domínios (pessoal, social, profissional e acadêmico), o que nos confirma a amplitude das mudanças pelas quais passam os estudantes durante a sua vivência no ensino superior. Na maioria das entrevistas, foi possível observar respostas que se enquadram em todos os domínios.



Esses dados fortalecem o pressuposto de que o ensino superior tem um expressivo impacto sobre seus alunos, e que as mudanças que ocorrem nos estudantes não estão relacionadas apenas aos aspectos profissionais, mesmo sendo essa a principal expectativa inicial das pessoas que procuram um curso superior, em especial da modalidade tecnológica.

Além disso, apesar de nosso objetivo não ter sido o de realizar uma análise quantitativa, foi possível observar certas tendências. O domínio pessoal foi o que apresentou maior diversidade de mudanças e incluiu seis subcategorias diferentes. O domínio social foi o segundo maior em diversidade de mudanças, com cinco subcategorias, seguido do domínio profissional, com quatro. O domínio que apresentou menor variação foi o acadêmico, com duas subcategorias – o que pode ser indicativo de que, nesse âmbito, os efeitos da faculdade ocorrem de forma mais homogênea, diferentemente dos outros três domínios, que apresentaram uma diversidade maior de mudanças.

O destaque às mudanças do domínio pessoal foi também observado na análise das respostas dadas à primeira pergunta, a qual não era direcionada a nenhum domínio e tinha por objetivo deixar o estudante expressar-se livremente, o que entendíamos que deveria revelar os aspectos que mais se sobressaem para os estudantes. Foi observado, para a maioria dos entrevistados, que a alteração mais marcante aconteceu no domínio pessoal, seguida pelas alterações profissionais e sociais e, por último, as acadêmicas.

Outro aspecto a ser destacado é que as mudanças relatadas pelos alunos são de natureza tanto cognitiva como afetiva, confirmando a amplitude das alterações provocadas pela vivência do ensino superior. Aspectos não previstos pelas categorizações pré-definidas não foram observados, como também não foram relatadas pelos estudantes mudanças de natureza negativa.

DISCUSSÃO

O presente trabalho, ao voltar-se para alunos adultos, trabalhadores, de cursos superiores de tecnologia, buscou compreender algumas características do processo de formação pelos quais esses estudantes passam e, dessa forma, contribuir para com uma parcela numericamente significativa de instituições de ensino superior. Procurou também aprofundar o entendimento acerca de um grupo pouco estudado.

O confronto dos dados obtidos durante as entrevistas com o referencial teórico que fundamenta este estudo possibilita algumas reflexões importantes acerca das mudanças que ocorrem com esses estudantes.

Entretanto, antes de analisar os alunos dos cursos superiores de tecnologia, parece oportuno voltarmos às finalidades da educação profissional. O fato é que o ensino profissional sempre foi marcado por períodos de incentivos e retrocessos, devido às políticas adotadas pelos governos, e a História nos mostra que ele sempre esteve associado a uma parcela carente



*as mudanças relatadas pelos
alunos são de natureza tanto
cognitiva como afetiva,
confirmando a amplitude das
alterações provocadas pela
vivência do ensino superior.*



da população, ou seja, tem sido sempre destinado aos filhos dos operários, aos jovens pobres e/ou marginalizados, o que demonstra o preconceito que persiste há muito tempo, a dicotomia entre o intelectual e o manual que existe desde a Grécia Antiga²¹.

Esse tipo de pensamento pode levar à distorção sobre a finalidade do ensino profissionalizante e ao direcionamento de uma expectativa de que a preocupação desses cursos seja apenas fornecer técnicas que serão utilizadas na prática profissional dos alunos, sem preocupar-se com a formação do ser humano e cidadão.

Cordão²², numa análise dos objetivos da educação profissional antes e depois da LDB 9.394/96, aponta que, antes, as escolas técnicas tinham como objetivo capacitar pessoas a exercer determinadas atividades; por esse motivo, constituíam a única opção da população pobre para ingressar no mercado de trabalho, visto que esses jovens não podiam esperar, nem ingressar nos cursos superiores. Além disso, tinham um enfoque assistencialista, quando vistas como uma alternativa para tirar o menor da rua e inseri-lo no mercado de trabalho. Já o novo enfoque da educação profissional é preparar pessoas para o exercício da cidadania e para o trabalho. A escola deve desenvolver no aluno a capacidade de aprender, de pensar sobre o seu fazer, de mobilizar e articular informações, de resolver desafios da vida profissional, ou seja, de estar apto a exercer uma atividade e acompanhar e produzir mudanças.

Com muita satisfação, observamos que os dados obtidos em nosso estudo nos apontam para este novo enfoque da educação profissional. Ou seja, para os alunos entrevistados, as mudanças pelas quais passaram não se restringem ao aspecto profissional, mas estendem-se aos domínios pessoal, social e acadêmico. Essa constatação é importante, pois nos permite dizer que os cursos superiores de tecnologia também têm um impacto relevante sobre os alunos, semelhante aos de outras categorias de organização acadêmica. Em suma, a educação profissional, hoje, parece não estar preocupada apenas com o desenvolvimento de competências técnicas, mas também bus-

ca desenvolver competências comportamentais, procurando formar o cidadão e o trabalhador.

Após olhar para o curso, vamos focar a discussão para algumas das características do grupo de estudantes que participaram deste estudo. O período de transição pelo qual os estudantes adultos passam ao ingressar no ensino superior apresenta desafios diferentes daqueles encontrados pelos estudantes tradicionais. Uma das primeiras dificuldades do aluno adulto é superar a crença de que é velho demais para estudar, pois existe uma preocupação com o fato de conseguir acompanhar as aulas, como também com a possibilidade de encontrar, na mesma classe, pessoas com idade para serem seus filhos.

Superado esse desafio, surge outro: conciliar os estudos com o trabalho e a família. Gatti Jr. e Nascimento²³ afirmam que grande parte da população brasileira só estuda porque tenta conciliar o trabalho com o estudo, visto que necessita dessa fonte de recursos para pagar seus estudos, o que nos remete à constatação de Kasworm²⁴, quando enfatiza que o envolvimento dos adultos fora da sala de aula ocorre de forma seletiva, pois eles questionam a prioridade em sua vida: passar o tempo livre no *campus* da faculdade ou participar de atividades com sua família, seus filhos ou sua comunidade.

Portanto, os desafios enfrentados pelos alunos adultos ao ingressarem no ensino superior em parte são diferentes daqueles vividos pelos alunos que ingressam com a idade tradicional. Os dados obtidos mostram que vencer a crença de que não conseguirão acompanhar os estudos após um período sem estudar e conciliar os estudos com a família e o trabalho são as principais demandas iniciais com que se deparam aqueles estudantes.

Com exceção dessa diferença, o que constatamos foi uma similaridade entre os dados fornecidos pelo referencial teórico acerca dos alunos tradicionais e aqueles trazidos pelos participantes desta pesquisa, o que nos possibilita afirmar que boa parte das mudanças que ocorrem com alunos tradicionais também acontece com este grupo de alunos adultos.

Como já apontado anteriormente, segundo Pascarella e Terenzini²⁵, a amplitude e a diversidade das mudanças são as mais notáveis evidências do efeito do período de formação no ensino superior, o que foi confirmado em nossos dados, pois os alunos perceberam alterações em todos os domínios (pessoal, social, profissional e acadêmico), referentes não apenas à área cognitiva, mas também a aspectos da esfera afetiva.

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Godoy *et al.*²⁶, que teve por objetivo descrever as características básicas de um instrumento para avaliar o impacto da graduação em 58 alunos, com idades que variavam entre 20 e mais de 30 anos, com predominância da faixa etária de 20 a 25 anos, dos cursos de Ciências Contábeis e Administrativas de uma faculdade privada de São Paulo. Identificaram-se seis fatores que, segundo a percepção dos alunos, foram influenciados pelas atividades e pelas experiências vivenciadas e proporcionadas pela faculdade: habilidades pessoais, preparação para a profissão, complexidade cognitiva, relacionamento e autoconhecimento, independência intelectual e vida profissional.

A vivência acadêmica provoca alterações nos alunos, e algumas destas podem ser desencadeadoras de outras mudanças, conforme observamos em nosso estudo e expomos a seguir. O aumento da auto-estima, da autoconfiança e da segurança pessoal e profissional podem levar à diminuição da timidez e do medo de falar em público, ao aumento da extroversão e à melhoria na forma de se posicionar no mundo, ampliando e mudando o círculo de amizades. Pode também levar à satisfação e ao sentimento de realização pela conclusão de um curso superior. A impulsividade e a agressividade revertem em um aumento da tolerância na convivência com pessoas na esfera familiar, social e de trabalho, além de tornar o indivíduo mais receptivo a novas idéias e flexível a mudanças de opinião.

A ampliação da visão de mundo, acompanhada pelo desejo de mais conhecimento e maior ascensão profissional, e a perspectiva de melhora geral de sua vida indicam também que muitos buscam a formação superior por representar a possibilidade de ascensão social e econômica, de realização pessoal, de melhores oportunidades salariais²⁷.

Podemos concluir que as mudanças provocadas pela vivência no ensino superior parecem não depender da categoria de organização acadêmica e da idade do aluno; são, porém, relacionadas à oportunidade de sair da rotina através da exposição a novos problemas e desafios e do relacionamento com pessoas que possuem visão de mundo, opiniões e idéias diferentes. É fundamental que sejam realizados novos estudos sobre o tema. Neste trabalho, ficou evidenciada uma similaridade qualitativa das mudanças observadas, porém ainda se faz necessário o aprofundamento na análise do grau em que elas ocorrem, quando se consideram estudantes dessas diferentes modalidades de ensino superior.

NOTAS

- BRASIL. Leis, Decretos. Lei n.º 5.540 de 28/11/1968. **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 nov. 1968. p. 10369. Fixa normas de organização e funcionamento de ensino superior e sua articulação com a escola média, e da outras providências.
- LIMA FILHO, Domingos Leite. Formação de Tecnólogos: lições da experiência, tendências atuais e perspectivas. **Boletim Técnico do Senac [online]**, v. 25, n.º 3, p. 1-15, set/dez., 1999. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/>>. Acesso em: 03 jul. 2005.
- Id. Ibid.**
- BRASIL. Leis, Decretos. Decreto n.º 97.333, de 21 de dezembro de 1988. **Documenta**, Brasília, n.º 337, p. 307, jan. 1989. Publicado no D.O.U. de 22/12/88. Autoriza o funcionamento do curso superior de tecnologia em Hotelaria, do Instituto Superior de Hotelaria e Turismo, em São Paulo, Estado de São Paulo.
- Id.** Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, v. 134, n.º 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Texto integral da lei de diretrizes e bases da educação nacional.
- Id.** Decreto n.º 2.208, de 17 de abril de 1997. **Diário Oficial da União**, Brasília, v. 135, n.º 74, p. 7760-7761, 18 abr. 1997. Regu-

- lamenta o parágrafo 2 do art. 36 e os art. 30 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- ⁷ BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n.º 1.647, de 25 de novembro de 1999. **Documenta**, Brasília, n.º 458, p. 508-512, nov. 1999. Publicado no D.O.U. de 26/11/99, Seção I, p. 21. Dispõe sobre o credenciamento de centros de educação tecnológica e a autorização de cursos de nível tecnológico da educação profissional.
- ⁸ INEP. Censo da Educação Superior - 2005. Disponível em: <http://www.inep.gov.br.> Acesso em: 7 abr., 2007.
- ⁹ PACHANE, Graziela Giusti. **A universidade vivida: a experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal a partir da percepção do aluno**. Campinas, SP, 1998. 196 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, 1998.
- ¹⁰ PASCARELLA, Ernest; TERENZINI, Patrick T **How college affects students: a third decade of research**, Jossey-Bass, 2.ed. 2005.
- ¹¹ PACHANE, Graziela Giusti. (1998) **op. cit.**
- ¹² FIOR, Camila Alves. **Contribuições das atividades não-obrigatórias na formação do universitário**. Campinas, (SP) 2003. 123 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, 2003.
- ¹³ PASCARELLA, Ernest; TERENZINI, Patrick T. (2005) **op. cit.**
- ¹⁴ **Id. ibid.**
- ¹⁵ AZEVEDO, Ângela Sá; FARIA, Luísa. Transição para o ensino superior: estudo preliminar de um questionário de experiências de transição acadêmica. **Fases On-line**, v. 2, p. 1-8, 2002. Disponível em: <http://www.ual.pt/opqe/faes>. Acesso em: 25 jul. 2005. p. 2.
- ¹⁶ **Id. ibid.**
- ¹⁷ ALMEIDA, Leandro S.; SOARES, Ana Paula. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento pessoal. In: MERCURI, Elizabeth; POLYDORO, Soely A. J. (Orgs). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral Ed., 2003.
- ¹⁸ **Id. ibid.**, p. 19.
- ¹⁹ BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Lisboa : Ed. Setenta, 1977.
- ²⁰ ALMEIDA, Leandro, S.; SOARES, Ana Paula C.; FERREIRA, Joaquim Armando. **Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no ensino: construção/validação do questionário de vivências acadêmicas**. Universidade do Minho, Braga, 1999. Relatório de investigação.
- ²¹ DEPRESBITERIS, Lea. Educação profissional: seis faces de um mesmo tema. **Boletim Técnico do Senac**, v.26, n.2, mai/ago 2000. Disponível em: <http://www.senac.br/informativo/>. Acesso em: 8 out. 2004; MACHADO, Rosana Pereira. **Formação profissional no setor de serviços: o curso de tecnologia em Hoteleira do Senac SP**. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC São Paulo.
- ²² CORDÃO, Francisco Aparecido. A LDB e a nova educação profissional. **Boletim Técnico do Senac**, v. 28, n.º 1, p. 11-23, abr. 2002. Disponível em: <http://www.senac.br/informativo/>. Acesso em: 7 out. 2004.
- ²³ GATTI JÚNIOR, Décio; NASCIMENTO, Sebastião Salvino do. Educação superior brasileira: a relação entre ensino superior noturno e trabalhador-estudante. In: SCRIPTORI, Carmen Campoy (Org.). **Universidade e conhecimento: desafios e perspectivas no âmbito da docência, pesquisa e gestão**. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004.
- ²⁴ KASWORM, Carol. What is effective collegiate involvement for adult undergraduates? In: SYMPOSIUM WHAT DOES RESEARCH SUGGESTION ABOUT EFFECTIVE COLLEGE INVOLVEMENT OF ADULT UNDERGRADUATE STUDENTS? Chicago, Illinois, April 21, 2003. 36 p.
- ²⁵ PASCARELLA, Ernest; TERENZINI, Patrick T. (2005). **Op. cit.**
- ²⁶ GODOY, Arilda Schmidt; SANTOS, Flávia Cristina dos; MOURA, João Augusto de. Avaliação do impacto dos anos de graduação sobre os alunos. Estudo exploratório com estudantes do último ano dos cursos de Ciências Contábeis e Administração de uma faculdade particular de São Paulo. **Administração On Line**. v. 2, n.º 1, p. 1-15, jan/fev/mar 2001. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art21.> Acesso em: 12, ago., 2005.
- ²⁷ OLIVEIRA, Cristina Ap. Guardiano de. **O trabalhador-estudante no ensino superior: estudo de uma realidade**. Campinas/ SP, 2003. 88 p. Dissertação (Mestrado em Educação), PUC, Campinas, 2003.

ABSTRACT

Sandra R. Uliano Smaniotto; Elizabeth Mercuri.

Technology higher education courses: a study of the impact on students.

The purpose of this study is to analyze the changes undergone by adult students and workers in higher education technology courses. Semi-structured interviews were made with 11 students, aged over 30, about to graduate from a private institution in São Paulo. The analysis of their answers pointed to broad changes, suggesting that vocational training contributes today to an education that goes beyond professional preparation, reaching into academic, personal, and social spheres.

Keywords: Higher education; Technology; Vocational training; Vocational course; Student; Adult.

RESUMEN

Sandra R. Uliano Smaniotto; Elizabeth Mercuri.

Cursos superiores de tecnología: un estudio del impacto provocado en sus alumnos.

Este estudio tuvo por objeto analizar los cambios por los que pasan alumnos adultos y trabajadores de cursos superiores de tecnología. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con 11 estudiantes a punto de finalizar sus estudios, con edad superior a los 30 años, pertenecientes a una institución particular de San Pablo. El análisis del contenido de las respuestas señaló una amplia gama de tipos de cambios, sugiriendo que la educación profesional contribuye actualmente a una formación que sobrepasa los aspectos exclusivos de la preparación profesional, extendiéndose hacia los dominios académicos, tanto en el área personal como en la social.

Palabras clave: Educación Superior; Tecnología; Educación Profesional; Curso Profesionalizante; Alumno; Adulto.